

## A GRANDE TRADIÇÃO E A NATUREZA DO TOTALITARISMO<sup>12</sup>

Hannah Arendt

6 palestras:

1. A explosão das categorias do pensamento e dos padrões de julgamento pela ascensão do totalitarismo. Um problema de compreensão, onde podem ser encontradas categorias apropriadas para se entender a natureza do totalitarismo?

Nossa atitude para com a tradição

2. O significado das definições tradicionais de formas de governo como as herdadas de Platão e sublinhadas por Montesquieu: Suas essências, seus princípios de ação, as experiências básicas nas quais estão fundadas.

3. A alternativa entre um governo com leis e poderes arbitrários, e o conceito totalitário de lei.

As leis da história e da natureza como leis de movimento; As fontes tradicionais de autoridade e a função estabilizadora das instituições legais.

4. A ideologia como princípio totalitário de ação. A origem das ideologias e sua transformação pelo totalitarismo. O que é “pensamento lógico” e qual o papel desempenhado por ele no totalitarismo?

5. A experiência básica do totalitarismo como distinta da experiência básica da tirania.

Solidão, impotência e solidão como fenômenos periféricos na vida política. A sua conexão com o agir, fazer e pensar.

6. O conceito de política no pensamento ocidental desde Platão e seu inerente “materialismo”. O homem do estado e o filósofo.

A ideia filosófica e a realidade política da liberdade.

New School, 18 de março de 53. 22 de Abril de 53.

A grande tradição e a natureza do totalitarismo.

I. 18/03/53

Nenhuma tentativa em descrever fenômenos ou explicá-los fora de seu contexto histórico e político.

<sup>1</sup> Esta tradução engloba seis seminários ministrados por Hannah Arendt na New School for Social Research em abril de 1953. O caráter de roteiro para os seminários faz o texto parecer truncado, sendo, porém, natural que a filósofa coloque os tópicos que deseja abordar, sem desenvolvê-los em maiores detalhes dada a finalidade de apenas orientar sua fala. (N.t. os tópicos utilizados por Arendt nos seminários na New School foram desenvolvidos e reescritos em pelo menos três textos; Arendt, H. (2007). The Great Tradition: I. Law and Power. Social Research, 74(3), 713-726. Retrieved May 2, 2021, from <http://www.jstor.org/stable/40972121>

Arendt, H. (2007). The Great Tradition: II. Ruling and Being Ruled. Social Research, 74(4), 941-954. Retrieved May 2, 2021, from <http://www.jstor.org/stable/40972035>

On the nature of totalitarianism: an essay in understanding, capítulo de Essays in Understanding.

<sup>2</sup> Tradução: Marcos Antonio da S. S. Ferreira; Revisão Técnica: João Batista Farias Júnior.

Ensaio sobre entendimento: Como uma nova forma de governo. Portanto, auxilia a grande tradição e as tradicionais definições de governo.

Entendimento e conhecimento prévio: A significância de novas palavras e a tentativa de igualar elas como algo já bem conhecido.

O assustador aspecto de que sejam novas no sentido de que não podemos entendê-las: incapacidade de julgar.

Essa incapacidade de julgar se mostra:

- a) Na crescente estupidez como incapacidade de se submeter a regras gerais. Isto é um fenômeno geral. Significa o esfacelamento da moralidade como mores, e da autoridade da lei. Publicidade e psicanálise. Interesse próprio.
- b) Na outra ponta se encontra o sofisticado paradoxo naqueles que tentam/buscam compreender/entender: Os meios prevaleceram por sobre os fins. Ou: Que eu esteja viva é culpa minha. Cada paradoxo expressa algo em grande precisão. Mas é sendo um paradoxo que mostra como as usuais categorias não mais se aplicam.

Entendimento e significado: A crescente perda de sentido do mundo. Entender, não teorizar e aplicar a teorias as questões práticas. Entendimento como o outro lado da ação. Entendimento como sentir-se em casa no mundo em que viemos a viver, mas como estranhos.

História das ideias.<sup>3</sup>

Três tentativas de entendimento neste sentido foram feitas:

1. Heresia imanentista: Totalitarismo como a última consequência das doutrinas que negaram o transcendente (não transcendental) e fingiram encontrar o divino seja dentro deste mundo ou que negaram-no por completo. Ambas dão no mesmo, porque o significado último deste mundo está neste mundo. O grande pecado do totalitarismo é buscar um paraíso na terra.

Secularização: A tentativa de perceber ou ver o divino na terra. Abolir a distinção entre a existência terrena do homem e seu destino ulterior.

Implicação: Retorno à autoridade ortodoxa.

Falácia: 1. A noção de que uma ideia tem esse tipo de influência parece fantástica. Porque agora e não no quinto ou no vigésimo século. A atual diferença existente entre realidade e ideias está completamente borrada. Negligência de todos os fatores históricos.

2. Retorno à autoridade pede por questionamento. Isto é precisamente impossível. Quando eu uso autoridade para questões pragmáticas, eu a destruo. O ponto é que todas as três: religião, autoridade e tradição esfacelaram-se. Isto é um fato, e não uma teoria.

Existe uma grande verdade nisto e a experiência básica escondida nesta teoria: A velha alternativa entre o homem como medida e Deus como medida. Eu posso mensurar apenas por algo que transcenda o mensurado. O mundo das ideias eternas de Platão e a história da caverna: vencer

<sup>3</sup> N.T: Arendt escreve lateralmente na folha datilografada

o Eidos de acordo com o qual as relações humanas podem ser reguladas. Eu permaneço sem medida se não aceito algo que transcenda ou alguém que transcenda.

Se for verdade que julgar é subsunção sob regras gerais, então julgamento é ultimamente possível na crença de uma transcendência. Não deves matar apenas por comando de Deus. De outro modo uma opinião contrária se levanta: Deves matar – e nos deixe ver como funciona. Onde posso pegar minhas medidas? Meus padrões de julgamento.

Filosofia:

2. A oposta como era: Tecnologia é a causa de tudo, por isso: revolução industrial. Muito mais próxima a realidade. Tecnologia implica no domínio da natureza, isto é regra por violência, nós violamos a natureza e por consequência a ordem natural das coisas, nós não mais conhecemos essa ordem natural, isto vem desde Platão. Mundo das ideias ou Deus como medida transcendental implicaram na negação da terra, a vontade de dominar a terra. Nós experimentamos agora uma espécie de revolução dos elementos. “Os elementos conspiram conosco, e destruição é a meta.”<sup>4</sup> Nós fabricamos tudo e perdemos nossa existência terrena no meio do que nos foi dado.

A falácia é óbvia: Sem fabricação, o homem não pode viver, desenvolvimento técnico é um fato sem o qual nós teríamos a maior catástrofe. Viver em meio a natureza é algo que somente os selvagens fazem, e eles não são humanos.

Secularização significou primariamente o Homo Faber contra a criatura:

A verdade nisto: O mundo das ideias floresce da experiência na fabricação: Eidos. Contemplação em uma mão e violência na fabricação em outra. Sem lugar para a ação. Essa contemplação poderia ser aplicada ao desenvolvimento técnico assim que o homem se importar em aplicá-la.

Pessimismo histórico:

3. Ruem assim como a doença profissional dos historiadores que vêem o fim em todo lugar. Obviamente mais plausível que ver progresso, o qual não pode nunca ser automático, mas também a ruína não o pode ser, ambos são processos e o homem é por definição imprevisível. Os historiadores veem fim em tudo por causa da verdade de que apenas o que encontrou um fim pode ser dito e completamente entendido. *Nemo ante mortem beatum*. Mas a história não é idêntica a períodos históricos: tem diversos começos mas nenhum fim.

Ciência política:

O que conta para a política, a qual está no presente e que concerne às ações presentes, é que o homem é um começo. Sem isso não poderíamos agir. Para a política o começo é tão

---

<sup>4</sup> (Citação de Mephisto em Fausto de Goethe.) *Die elemente sind mit uns verschworen und auf Zerstorung lauft's hinaus.*

importante quanto o fim é para os historiadores, o que queremos descobrir é algo novo, independentemente de gostarmos ou não.

Todas as tentativas de entender são caracterizadas por desfazerem-se da própria política. O velho desprezo pela política e pela ação.

Politicamente:

Nova forma de governo, algo nunca visto anteriormente. Compare as novas formas de governo.

Grande tradição: De Platão a Hegel.

Nossa atitude para com a tradição: Sem orientação, o fio está partido. Ninguém pode ajudar, o que se quebrou foi a continuidade romana com seus significados de religião, autoridade e tradição. Mas nem piedade nem fé e nem o passado. A diferença entre passado e tradição, passado como uma dimensão do homem, no qual sozinho ele pode experimentar grandeza e finalidade. Nesse sentido, o passado é eterno, é uma dimensão e não uma cronologia nem uma linha. A mitologia é a primeira tentativa do homem de criar para si esse passado, antes de ter quaisquer memórias. Sem um passado, nós não somos mais humanos.

Podemos medir apenas a nós mesmos, nós não recebemos medições. Se é verdade que o homem é por definição um começo, na medida em que ele é capaz de agir, deve existir um pensamento que não é meramente subsunção ou conclusão. Entendimento é um dos muitos meios de pensar sem subsumir ou concluir, veremos então como isso pode ser feito e se pode ser feito. Reconciliação como contrária à rebelião e à resignação. Para compreender a nova forma de governo nós temos que entender, à luz de nossas próprias experiências, as formas tradicionais e as experiências que eles expressaram. Experiências de convivência, do homem e do não homem.

II. Formas de governo: Dicotomia entre governantes e governados.

A questão de sempre: Quem tem o poder?: um homem – Monarquia; ou alguns – aristocracia; ou vários – democracia.

Contrário a isso: Que tipo de regra é essa? Está De acordo com as leis ou é sem leis? Está De acordo com o interesse de alguns, de um, ou o interesse de todos? De acordo com isso existem apenas governos constitucionais ou inconstitucionais, vem então o conceito de tirania. Se perguntamos: quem governa? A resposta é a lei.

Uma terceira possibilidade: Nem lei nem poder: Basileia e política: Lideram como primus inter-pares ao qual estão de acordo com seguidores que seguem voluntariamente, unidos por tratados não escritos, ou política: A real experiência da polis grega. O *politaerin* começa depois de as leis terem sido dadas por algum legislador, seja um Deus ou um sábio. Homens vivendo juntos, unidos por um contrato e suas leis dadas por Deus, ninguém realmente governa.

Platão: Cinco formas de governo: reinado, aristocracia, -- três ruins: timocracia, oligarquia (perversão da aristocracia) e democracia, obviamente que estas são na verdade três com suas perversões: Monarquia – tirania, aristocracia-oligarquia, democracia – Oclocracia.<sup>5</sup>

Essas de acordo com algo humano, residindo na experiência humana: As três faculdades da alma: *Nous*, *thymos*, desejo ou apetite. *Nous* igual ao reinado, *thymos* iguala-se (militar) a aristocracia, desejo é igual a democracia. Porque somente o filósofo, um por definição, é governado pelo *nous*;<sup>6</sup> apenas alguns são sujeitos a coragem; enquanto muitos seguem seus desejos.

Decisivo aqui que as experiências que estão na base das formas de governança são experiências que tenho comigo mesmo. Sendo assim, está adequado a governar apenas aquele que a si mesmo pode governar. A autodisciplina é pré-requisito de comando. As leis são claramente secundárias, elas são apenas substitutas para a técnica de governar antes de tudo a si próprio.

Montesquieu: Três formas de governo: Monarquias, repúblicas e tiranias. Ambas questões de lei e poder combinadas na questão de: O que faz de um governo aquilo que ele é? Qual sua estrutura? A resposta: poder de acordo com a lei nas mãos de um, do povo, ou poder sem lei de acordo com a vontade arbitrária e desejo do tirano.

Diferença: 2 ao invés de 3, pois não é mais baseado na alma e outro regimento, um tipo diferente de experiência.

Os elementos de Platão são óbvios, vem então uma nova questão: Princípio de ação: O que faz com que as pessoas ajam da forma como agem? Primeiro: Princípio de movimento não somente de perversão, mas perceber que todas as comunidades de alguma forma mudam constantemente sem mudar *toto coelo* e encontrando o princípio pelo qual a mudança se faz, como princípio de ação.

Três princípios de ação: Virtude (interesse passional em assuntos comuns), honra e medo. Esses não são motivos, mas sim critérios e eles são os padrões para ambos, governantes e governados, toda ação é julgada de acordo com isto.

Qual o fundamento da virtude, honra e medo? O fundamento da virtude é “amor pela igualdade” ou experiência de igualdade. O que é igual? A falácia da confusão entre *homoioites*<sup>7</sup>, identidade ou similaridade em essência, e o *koinon*, a igualdade onde se encontra algo em comum. Iguais somos na esfera do comum enquanto temos a possibilidade de nos conhecermos uns aos outros e de agirmos juntos. A experiência básica é a alegria de não se encontrar solitário, é isso que significa estar junto aos meus iguais. (Um é um e completamente só e para sempre assim será)<sup>8</sup>

Originalmente: Reinado não monarquia. *Ardre in*: guie, mostre o caminho, seja o primeiro.

Honra: Amor pela distinção. Igualmente original. Em estar junto eu tenho a experiência de me distinguir e assim adquirir distinção, eu me sinto eu quando estou competindo, me comparando

<sup>5</sup> N.t: tirania da multidão.

<sup>6</sup> N.t. Alma.

<sup>7</sup> Semelhança; Aparência.

<sup>8</sup> Aqui Hannah Arendt cita a canção natalina *Green Grow the Rushes, O. I'll sing you one, O. Green grow the rushes, O. What is your one, O? One is one and all alone and evermore shall be so.*

com os outros. Honra é o reconhecimento público desse ser particular que sou. Esta é minha honra, honrável é o que não vem por destruir essa distinção e o respeito por ela.

III. Natureza do governo: Essência: lei e poder; Princípio de ação: virtude, honra e medo; experiência subjacente: Igualdade, distinção e impotência.

Quais são essas leis as quais se abolidas constitui-se uma tirania?

Diferenciação entre fonte de autoridade (Deus ou leis naturais) e leis positivas. Leis positivas são postas de acordo com a lei eterna. Traduza o comando de Deus aos padrões humanos de certo e errado, sua fonte para além-do-humano, mas sua tradução em leis pelo homem. Isto é o poder legislativo que é sempre direcionado, está sempre sendo medida por algo além-do-humano. (Mas esse além-do-humano se mostra em nossa razão como senso comum ou em nossa consciência, como a voz de Deus.)

As leis estão entre as pessoas, constituem e articulam o espaço-entre. Sendo assim relacionamentos onde não existem leis: amor, amizade, por causa da proximidade: não há um “entre”. No momento em que o “entre” cessa, precisamos de regras. Logo, não há nenhuma lei para proteger pessoas de si mesmas. Esse é o erro platônico.

As leis postas são vistas na imagem de cercas ou limites, elas não são eternas, mas permanentes, relativamente mais estáveis que o homem. Elas circundam o movimento, isto é, nas ações do homem. As leis da distinção contrárias às leis da igualdade: O encaço em homens igualmente poderosos, os outros ajudam, dando uma gradual liberdade de movimento, sendo distinto.

Tirania como vindoura da democracia excessiva: Se as leis da igualdade são levantadas, homens não por sua distinção mas por sua igualdade de força, que é a igualdade na habilidade de matar, não estão mais separados uns dos outros. O espaço político desaparece, o deserto emerge. No caso de governos monárquicos e aristocráticos, o que resta são distinções sancionadas pelo costume, sendo assim a tirania é menos fácil. Distinções são ancoradas na vida privada, onde somos distintos uns dos outros, não na vida pública, onde somos iguais. Principalmente por sermos iguais diante da lei, logo, se as leis nos falham em uma república, é muito mais perigoso; Nenhum princípio resta para a vida privada.

Medo no deserto da tirania, o único guia confiável e inspirador. Medo e desconfiança do tirano contra o povo e vice-versa.

Ação política em repúblicas: homens igualmente fortes agem juntos e daí surge o poder. Em reinados e aristocracias: algumas pessoas guiam e mostram o caminho; elas dão início a algo que os outros auxiliam a alcançar um bom resultado. Cada um distinto à sua própria maneira. Em tiranias: Nenhuma ação é possível, logo não é permanente; Destruído por dentro pela falta de poder. A força de todos anula a força de todos os outros.

Resumo: Leis são fatores estabilizadores que cercam as ações dos homens, sem elas, a ação não é possível. O deserto ou a quietude do cemitério. Homens vistos como algo que mudam, instituições e leis como algo permanente. O princípio de ação e de forças estabilizadoras específicas em cada forma de governo estão unidas na base de uma experiência. A experiência é sempre comum a todos nós, mas nem sempre a fundação de um corpo político.

Segue-se a questão: O que é essência, o que é o princípio de ação, e o que é a experiência conciliadora da forma totalitária de dominação?

IV. Para entender o totalitarismo nós teremos a ajuda de Montesquieu, para assim sabermos o que devemos perguntar. Entender não é tolerar, mas reconciliar. Se outras formas de governo residem na experiência que compartilhamos vivendo juntos, então olhamos para tais experiências em formas de dominação totalitárias, caso contrário: O que faz ser o que é? O que lança em movimento? O que faz tolerável para o povo, a que experiência comum corresponde?

Montesquieu: República: Igualdade de homens poderosos que agem juntamente pelo prazer de não se estar sozinho, este é o princípio político por excelência. Monarquia: diferenciação de pessoas distintas que seguem o mais distinto a liderar o caminho (*archein*) para que se possa ver algo (*prattein*). Este é o princípio social por excelência. Costumes. Tirania: isolamento de homens igualmente poderosos que se tornam impotentes, ações igualmente guiadas pelo medo e desconfiança.

Distinção baseada ultimamente pela criação: Macho e fêmea Ele então criou.

O perigo em uma república: Perverter a distinção em discriminação.<sup>9</sup> O perigo em uma monarquia: abolição da igualdade, que é base para a distinção. Essa é a diferença entre reinado e monarquia. O perigo em uma tirania: Contradizer a condição estritamente política do homem e destruir por falta de poder. Ao invés de leis, essas definições permanecem no critério de legalidade, o qual o oposto é arbitrariedade. Leis são os fatores estabilizadores para homens em movimento.

Mas e o interesse? Não reina o tirano por seu próprio interesse? Aristóteles introduziu o princípio do interesse: a regra no interesse de alguns ou de vários, ou de somente um. Pode um homem em isolamento ainda ter interesses? “inter-esse”. *Sympheron*. Onde quer que as pessoas vivam juntas elas têm algo entre elas, isso é interesse apenas na esfera do “entre” pode o interesse existir. Um homem sozinho é realmente como o tirano de Platão, um lobo com desejos precisamente por não ter interesses, nada em comum entre ele e os outros. Só existe interesse onde as pessoas têm algo em comum. A menor unidade, a família, sendo assim o tirano que é casado tem interesses, isso é usualmente o fim da tirania. (Observação de Hitler sobre Napoleão.)

---

<sup>9</sup> N.t. Arendt adiciona uma nota lateral a próprio punho que não pode ser compreendida por nós.

Interesses ao invés de leis, a abordagem justificada das ciências sociais. Marx: interesse de classe: isso é tautologia. A falácia: Parece que o interesse é objetivo, o que impede a imprevisibilidade das ações do homem.

As novas leis de movimento: lei da natureza contrária à lei natural: a lei do cosmos, a qual é permanente. A introdução do desenvolvimento através de Darwin e Marx: a lei do desenvolvimento: sobrevivência do mais forte em uma luta entre raças; Sobrevivência de uma classe no interesse da humanidade na luta pela humanidade. Uma raça e uma classe, pela qual o desenvolvimento acontece. Incorporação última da humanidade dessa lei do movimento.

As leis de desenvolvimento cientificamente declaram: previsibilidade do futuro, do curso do futuro da história. Qual o papel do homem? Ser a incorporação e executá-las para as acelerar. Qualquer imprevisto se torna um obstáculo para o movimento em si. A irrelevância da ação humana (como execução de movimento)

Tradução em lei positiva: ao invés disto: terror. O terror tem dois objetos: acelerar a lei do movimento ao eliminar as classes ou raças que não se adequam. E para prevenir as ações imprevisíveis dos homens. Para prevenir qualquer tipo de espontaneidade: medo, assim como convicções como guias para a ação. Terror liberta as forças da natureza, ou da história e congela o homem. (*die elements sind mit uns verschworen und auf Zerstorung lauft hinaus*).

Destruição por causa da verdade sobre tais movimentos: movimento sem a interferência do homem a qual é sempre imprevisível é arruinadora para o homem. Não para a natureza como um todo, onde tudo segue em ciclos repetitivos, mas para seres humanos que não podem viver como seres naturais. A linha de eventos e acontecimentos. Para deixar os elementos à solta. A mão de aço do terror contraria as cercas da lei. Terror reina supremo como a lei quando ninguém mais se opõe. Terror une aqueles que estão isolados e impotentes.

Terror dá suporte e lança em movimento seres humanos isolados. Terror faz governos totalitários serem aquilo que são, até onde o terror é livre de convicção e medo, e executa movimento.

Sob essas condições, não pode haver nenhum princípio de ação propriamente dito, porque a ação sempre age contra o movimento dos elementos. Ao invés disto: preparação, que prepara cada homem para que seja vítima ou executor com igual precisão. Os expurgos onde os expurgados estão sendo expurgados.

Isso é alcançado através de uma ideologia: O que é uma ideologia: uma doutrina. Exemplo, o ódio aos judeus e antissemitismo. Deus no deísmo, Judeus ou Deus se tornaram instrumentos de explanação total. Compare com Deus na teologia: o fato da revelação, como animais na zoologia.

Ideologia: O logos de uma ideia, a ciência de uma ideia? Como a ciência da matéria experienciada? Zoologia? Nas classes marxistas é uma ideia como raça no racismo. Pode também ser o objeto de uma ciência.

Qual a diferença?

A ideia de classe ou a ideia de raça são instrumentos para explicar o movimento, o desenvolvimento, a ideias desenvolve-se “logicamente” – este é o sentido de ideologia – para os futuros acontecimentos. Se você pegar a ideia, tudo está logicamente explicado. A ideia se torna premissa no sentido lógico do qual um processo está a ser deduzido. Pensar em termos conclusivos ao invés de julgar, subsunção a certas regras.

Ideologia totalitária: Veja isso seriamente e diga: Você não pode dizer A sem dizer B. Stalin: A “força lógica dominou a audiência” de Lenin, como um poderoso tentáculo te mede de todos os lados visando qual será seu ponto de fraqueza para te despedaçar. A razão fria de Hitler. As pessoas que não podem chegar a conclusões a partir de suas próprias assunções.

Esse processo lógico devora a ideia. O que importa é o processo em si. A ideia de uma sociedade sem classes ou raças mestras se concebida iria impedir o movimento para sempre. E então?

Dominação totalitária é a execução desse movimento, logo: Estado – instituição legal e framework estável – está sendo sacrificado para o povo, e o povo para o movimento.

Pensamento lógico como o expressado em “você não pode dizer A sem dizer B baseado no nosso medo de contradição. Originalmente, um controle de pensamento, improdutivo por si só. Compulsão interna, liberdade é igual ao começo: se disseres apenas: B. nenhuma liberdade é possível, você se torna assim previsível.

Essa é a compulsão interna pela qual alguém arranja a si mesmo.

V. Repetição: A lei de movimento contra a lei estabilizadora é traduzida em terror contra a lei positiva. Terror faz com que os homens conformem-se com o movimento da história ou da natureza. A assumpção é a de que nenhum homem vá fazer isso voluntariamente e em segundo lugar conformidade voluntária não seria confiável. A imprevisibilidade dos homens. O ponto é que devemos liberar as forças da natureza ou da história e que a liberdade do homem está no caminho dessa liberação.

Ponto: O terror escolhe vítimas inocentes e se exerce igualmente naqueles que são voluntários e naqueles que não o são (Platão, tirania)

Lei da natureza ou história é ultimamente o mesmo: a teoria Darwinista da evolução é ultimamente a história da natureza, olha a natureza como se esta tivesse uma história para contar. Este movimento unilinear é contrário ao movimento circular da natureza o qual experimentamos e que era o movimento dominante na filosofia tradicional. A natureza está sendo varrida para a história, seu movimento está sendo assimilado a experiência histórica.

A teoria de Marx por outro lado vê o momento decisivo no desenvolvimento das forças de produção e a produção é ultimamente baseada em trabalho tomado como uma força, a metamorfose do homem com a natureza em nome de conservar sua vida individual e reproduzir a espécie.

Teoria do valor dentro de um setting natural, o homem é visto como a maior força natural das mais elevadas. Olhar a tudo do ponto de vista de ser uma “força”, ofusca a conspiração com os elementos, labor é a força que libera os elementos.

A sobrevivência da raça mais forte, ou da classe mais poderosa ofusca (ou expressa) a noção de que os homens podem ser supérfluos e parasitas. Quem não é útil para esse processo não está “adequado para viver”. Isso baseado na nova sociedade de trabalhadores. Quem não tem seu trabalho dado para si pela sociedade é supérfluo, é um parasita, etc. Isso resulta na liquidação daqueles que não são mais necessários. O revolucionário conceito de labor, que é comum a todas novas doutrinas.

Ideologia: (ver p. 7-8)

A compulsão interna deduz esse, processo pelo qual me lanço em movimento e o processo que coloca a ideia em movimento. Não a ideia que busca as massas, mas a lógica. Deduzindo ou concluindo e julgando: De modo a julgar eu necessito de: a) Regras as quais eu subsumo, Sócrates foi um grande filósofo. B) Outras pessoas para controlar meus sentidos: O céu é azul. (o experimento psicológico)

Nós já dissemos que senso comum ruiu no sentido de fornecer regras válidas para se julgar. Agora: Senso comum é também o senso comum a todos nós, contrário à particularidade dos sentidos. Com senso comum eu encaixo meu senso particular em um mundo que todos habitamos.

Eu posso deduzir ou concluir por mim mesmo. Não preciso de mais ninguém, e não preciso do senso comum.

Solidão e isolamento: isolamento político, solidão pessoal, privada, social. Eu posso estar isolado sem estar solitário e vice-versa. Em isolamento eu perco a capacidade para agir; Na solidão, eu perco o senso comum, o senso daquilo que temos em comum.

Solidão e desenraizamento: A experiência geral de solidão, de perder seu lugar no mundo vem do desenraizamento. Quem está enraizado é supérfluo. Eu estou só quando sou supérfluo. Quando não tenho lugar no mundo. O crescimento da superfluidade com e desde o imperialismo: exportados de homens supérfluos e dinheiro. (A América não sabia.) Parasitas.

Desenraizamento e homens superficiais: homens varridos da superfície, homens famintos por um movimento, pois eles perderam seu lugar.

Perda da profundidade e experienciar um poço sem fundo. Ganhamos profundidade ao nos enraizarmos. Entender é enraizar-se no mundo como ele é. Esse é o significado de entender como reconciliação. (oposto a ambos resignação e rebelião. Distinguidos de perdoar)

Solidão e solidude: Cato: Nunca menos solus que solus, nunca tão ativo quanto quando não fazendo nada.

Solidude: E estou sozinho, junto a mim, e com todos. O diálogo do pensamento que é para atividade.

*Epicteto, diss 3,13*; Alguém pode falar consigo. Zeus após o fogo do mundo. Distinção entre monos e eremos. Eremos identificado como desamparo.

A duplicação da solidão na qual eu sou equívoco e nunca uno. Eu me torno um através dos outros que me reconhecem. Meus pensamentos vêm ao reino do comum, onde o senso comum os julga e onde falo deles. Contra o diálogo pensado onde eu penso em algo e penso algo completamente, mas não sobre algo.

Na solidão eu deduzo uma coisa de outra e penso tudo no pior. (Luther) os axiomas lógicos de não se contradizer se tornam a única coisa confiável após a perda do senso comum. Se posso perceber o diálogo da solidão.

Eu perdi o mundo e a mim, isto é, a capacidade de pensar e experienciar. A auto evidência axiomática recebe nova ênfase: Sem controle para me proteger, mas produtivo. Eu sou um, mas sem ninguém para confirmar minha identidade. Já não confio mais nos meus sentidos, pois não mais se encontram em conformidade com o senso comum. Não posso ter nenhum julgamento.

Solidão pode tornar-se solidão: Filósofos como os homens solitários que decidiram acerca de nossa vida política. As duas declarações de Platão: Pragmata não merece tamanha seriedade e o melhor para a lei ideal seria se houvesse apenas um homem. Em ambas instâncias, a pluralidade parece ser algo perturbador. (Essa é a única conexão entre totalitarismo, o qual trata o homem como humanidade, assim como um homem e filosofia tradicional.) Solidão se torna solidão pela primeira vez com Hegel. Hegel e Nietzsche. Anedotas. Crime e castigo. O crime lógico.

Solidão sempre pode se tornar solidão. Nietzsche/Zaratustra. Você está então politicamente falando não mais sozinho, apenas isolado. Solidão, a posição de pessoas em condições tiranias. Essa é a grande chance de produtividade no isolamento que se torna solidão. Daí o amor secreto dos filósofos por governos tiranos.

Totalitarismo faz com que a solidão permaneça e que a solidão não se desenvolva. Você pode estar sozinho ao redor de muitos, mas nunca solitário. Sendo assim eles não te deixam sozinho, eles não permitem que você se isole.

Se a tirania é um princípio anti-político, então o totalitarismo é um princípio anti social e anti-humano. Solidão é uma das únicas coisas que o homem não pode suportar, precisamente por serem criados no plural. O eu em solidão indica esse plural, nunca é suficiente. Ainda assim...

VI. Repita: Logicalidade, a lógica que devora a ideia sempre que ideologia está a ser feita o princípio da ação ou sendo tomada como fundamento do corpo político. Não a ideia, mas sua lógica se aproveita das massas. Essa lógica substitui o senso comum, o senso comum a todos nós. Se torna então a instância controladora dos sentidos: *Nich sein kann, was nicht sein darf*.<sup>10</sup>

Lógica comum a todos nós mas de sentidos completamente diferentes: homens lógicos são idênticos; nem mesmo Deus pode mudar as regras dos meios lógicos: De um ponto de vista lógico nem Deus é diferente dos homens. Senso comum adequa as diferenças da igualdade; Lógica

---

<sup>10</sup> O que não deve ser não pode ser.

expressa identidade. A destruição da pluralidade. Apenas um homem pensa quando pensamos logicamente, por nenhum outro chegar a diferentes conclusões.

Isso é o pensamento da solidão onde preservo uma identidade vazia evitando contradições e mantendo-me em contato com os outros apenas porque eles são como eu, literalmente.

“Privacidade” necessária: tendência totalitária em dominar escravos. O isolamento se torna solidão sob certas condições de trabalho. Principais características do labor: forçado por *anagkaia*, consumo imediato, repetição incessante. Fabricação: objeto de permanência relativa que está sendo usado; fim do processo é o produto.<sup>11</sup>

Solidão – isolamento – Solitude: isolamento é o pré-requisito da tirania, destruindo ou impedindo a ação, destrói a esfera do comum, mas não completamente o espaço entre os homens. Isolamento é necessário para a fabricação de todas as coisas: eu me afasto do mundo dos homens e adiciono algo novo ao artifício humano. Eu estou absorvida no mundo, ao fazer uma coisa, eu mantenho-me em contato com tudo mais. Deixe apenas o homem, isso não é verdade para o labor: sem isolamento.

Solitude: o estar só é pré-requisito da solitude. Em solitude pensando no diálogo de quem estou em contato, com todos e comigo.

Na solidão: Eu perco tanto o mundo quanto a mim, as faculdades do pensamento e da experiência, o fazer coisas, criatividade no sentido mais amplo.

A primeira invasão da solidão pela transformação da solitude em solidão: Nietzsche – cavalo; Hegel em seu leito de morte.

Filósofos são os únicos ao qual a solitude é condição para seu trabalho; eles precisam ser deixados sozinhos. Seu melhor “governo” é a tirania de um modo “iluminado”.

O amor secreto dos filósofos por tiranos benévolos: Platão, Spinoza, Nietzsche.

Filosofia política: Qual a atitude dos filósofos para com a política?

1. Platão para Madison: "A governança não é nada além de um reflexo da natureza humana. Se fossem anjos não precisaríamos." (Madison) "Quanto menos ocupadas ou preocupadas estão as pessoas, melhor é o governo." (Nietzsche)

2. Porque? Platão: Pragmata<sup>12</sup> humana não merece tamanha seriedade; elas são a esfera da opinião, contrárias à verdade. Nessa esfera nada pode ser entendido. (N.t: Arendt adiciona a lápis: “Tudo munda”).

3. A natureza da ação: “nossos pensamentos são nossos; Sua finalidade nunca é nossa.” Nós agimos em uma rede de relacionamentos, e nunca sabemos o que terá ao fim. Nossos objetivos constantemente frustrados.

4. Mas a política é necessária pois vivemos juntos com outras pessoas e o homem não é independente. O melhor para manter-se a lei, segundo Platão, seria se houvesse apenas um homem,

<sup>11</sup> N.t. Arendt adicionou a lápis algumas notas no topo da página datilografada que não puderam ser compreendidas por nós.

<sup>12</sup> Coisas, Atos ou feitos humanos, vem do grego antigo.

pluralidade é vista como irritante: a) Porque interfere com o isolamento e com a solidão; b) Porque leva em consideração opiniões ao invés de verdades. c) Porque nos fazemos depender dos outros.

5. A política é necessária por dois motivos:

a) Para nos manter vivos: para tanto, a base materialista, interesses, ou comando sobre os escravos no início da política com Aristóteles: domínio sobre as coisas necessárias à vida para manter-se livre. Para viver bem, somos dirigidos a política por causa de nossos “corpos” no amplo sentido.<sup>13</sup>

b) O medo de sermos dominados por pessoas piores que nós.

6. A atividade política como arte do discurso: essa arte construída de acordo com dois modelos: físico, que também lida com o corpo; ou o pastor. Falácia já vista por Platão que diferenciação seria requerida. O governo do rei-filósofo supõe tal diferenciação.

Esse governo de acordo com a razão, ou a ordem ideal: a tirania da razão. (“esse sonho de achar que a razão pode governar a criatura racional homem.”). Tal governo só é possível se existe um reino transcendente a razão onde apenas a aplicamos. Caso contrário: Nós somos todos criaturas racionais.

A contemplação das ideias de Platão Não há modo de ação vindo da contemplação, dessa absorção de algo que não é terreno. Distinção de pensamento a qual nunca deixo o diálogo e por isso nunca se torna arrebatada como um todo. Todo *philos* idealístico pressupõe vida política: possui um objetivo maior. Isso percorre toda a tradição, nem mesmo Marx que concedeu uma dignidade a política nunca a pensou como um fim em si mesmo.

Quais eram esses objetivos?

O *bios theoretikos*<sup>14</sup>, contemplação, na Grécia.

O *summum bonum* ou o bem comum no cristianismo, a felicidade da maioria nos tempos recentes. O maior mal: Poder: isso só justificado pela ovelha negra Hobbes e Maquiavel. Mas poder é precisamente a indicação de uma dignidade independente da política.

Contrário a esses filósofos e seus objetivos está a experiência, as quais não coincidem com aqueles.

1. A experiência grega: *Archein* no sentido de dar início a uma empresa comum e seguir um líder nela. (Homero) ou *Politerein*, a vida na cidade a qual pode começar somente depois de as leis terem sido dadas e que agora passaram para dentro das paredes. Tudo que é público foi junto, menos os assuntos de corte, a decisão entre cidadãos e teatro.

2. A experiência romana: Fundação e preservação do espírito cívico (*civitas*) (Cícero). O grande *pathos* do primeiro começo o qual foi então a igreja romana onde tudo se inicia com Cristo. Aqui é o local de nascimento da tradição – autoridade – religião. A fundação carrega consigo todas as obrigações futuras, primeiramente a obrigação de preservação dada na tradição; tem a maior

<sup>13</sup> N.t.: Arendt adiciona a lápis: “Nós governamos os outros como governamos nossos corpos”.

<sup>14</sup> Vida contemplativa.

autoridade sobre o homem, pois o homem ao ter início sua liberdade já não é mais livre, esse é o sentido da lei romana. O *pathos* da fundação é a liberdade: O *pathos* da preservação é a obrigação. Você é obrigado a aquilo que você e seus antepassados fizeram precisamente porque o primeiro ato foi livre e, portanto, algo como criação divina do nada. Similar em grandiosidade.

3. A experiência cristã: ao viver juntos, os cristãos descobriram o amor como uma experiência relevante! Mas o amor pode governar os relacionamentos dos homens apenas se for o amor de Deus, isto é, o amor com que Deus nos ama e que amamos a nossos vizinhos. Solidariedade. Muito mais importante, mas em conexão com isso: perdoar é necessário por dois motivos: 1. Porque nunca podemos saber realmente o que estamos fazendo. 2. Porque damos uns aos outros a chance de recomeçar. O direito ao perdão, portanto, é nos países cristãos a maior prerrogativa do executivo. O reconhecimento de que a justiça nunca é suficiente.

4. A experiência das revoluções francesa e americana: dar leis. Homem como seu próprio legislador, não obedecendo a ninguém além de si. Este é o novo conceito de liberdade. Baseia-se em “o céu estrelado acima de mim e a lei moral em mim.” (Kant) Ainda como lei natural, mas essa lei natural se tornou algo interior. Está em mim.

A filosofia política pré-revolucionária: Locke e Rousseau.

Teoria da propriedade de Locke: é meu tudo aquilo que produzo, em que misturo o labor do meu corpo com a matéria. Isso reside no fato de que a primeira coisa que o homem possui é seu corpo. A propriedade em si não é mais algo que pertence ou está entre os homens, mas que se origina em mim.

Rousseau: A *volonté générale* (vontade geral) é a vontade racional inata da qual a lei advém. Leis não mais entre nós, mas advindas de nós.

A última lei em nós é a lógica:  $2+2=4$ .

Todas essas experiências precisam ser preservadas contra as filosofias que simplesmente não as deram muita atenção. Adicionamos a elas a nossa (atenção) ao entendê-las melhor, à luz de nossas experiências.

A presente situação espiritual: depois dos três saltos:

O salto na fé por Pascal e Kierkegaard da razão trouxe dúvida (solitude) à fé e destruiu religiões inquestionáveis.

O salto de Marx da teoria a ação levou a específica filosofia política de Platão e Hegel à ação e destruiu a ação.

O salto de Nietzsche do niilismo para a vida carregou a questão niilista: A vida vale a pena? Ao viver.

Mas este é o lado menos importante. Importante é o atual evento que não pode ser reparado.

Compreensão: Reconciliação, não perdão, isto é, lançar raízes ao invés de fugir de onde ainda se espera que haja raízes – Comprar uma fazenda ou loja para uma religião e logo

recuperamos a dimensão da profundidade, não como uma experiência do vazio na ansiedade como para o homem superficial e não como um processo compulsório de argumentar o evidente das premissas como homens lógicos.

Compreensão, neste sentido, é pré-requisito ou o outro lado da ação: Apenas se me encontro enraizado nas experiências centrais do meu tempo é que posso recomeçar novamente – isto é, agir politicamente.

Ação em grande parte é sempre re-ação contra a arruinadora corrente dos meros acontecimentos nos quais as ideologias querem nos atrair. O começo da liberdade é a resistência.

A ideia de liberdade tem pouco a ver com a noção de escolha arbitrária entre bem e mal. Liberdade é a capacidade de dar início. *Initium ut esset homo creatus est*. Como tanto é mera potencialidade. Sua realidade no sentido político é o espaço entre os homens garantido por lei.

Leis: Não podemos viver sem elas, ainda assim não acreditamos em leis naturais ou na lei de deus; As velhas ideias da revolução ainda são verdade, apesar de suas noções específicas: Homem é a medida das leis e carrega essa medida como voz da consciência dentro de si, já não mais possui.

A primeira e mais elementar forma de se fazer leis é fazer uma promessa: Essa é a capacidade legislativa do homem: Animal que pode fazer promessas. (Nietzsche) Manter promessas. Ilhas de confiança ao futuro.